



O TEXTO ORAL COMO FERRAMENTA PARA UM ENSINO DE QUALIDADE

Fabíola Anderson Torales¹
PG/UEMS

Resumo: Saber se comunicar bem exige o domínio da língua nas modalidades oral e escrita e é papel da escola ensiná-las, no entanto, a oralidade é bastante desprestigiada em sala de aula e quando ela aparece, o seu uso se limita a conversas informais ou a leitura em voz alta. Desta forma, o presente artigo visa expor a importância do ensino da linguagem oral, sobretudo o ensino dos gêneros orais; apresentar algumas atividades em sala de aula que trabalham de forma significativa esta modalidade da língua e, por fim, analisar a oralidade presente em um livro didático de língua portuguesa e de que maneira ela é explorada. Quanto ao embasamento teórico, temos a contribuição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e dos seguintes autores: SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. (2004), MARCUSCHI, L. A. (2010), ELIAS, V. M. (2011), BELINTANE, C. (2013), dentre outros.

Palavras-chave: Ensino. Gêneros orais. Oralidade.

Introdução

Sabemos que é função da escola propiciar ao aluno o desenvolvimento de sua competência linguística, de modo que ele saiba empregar adequadamente a língua nas diferentes situações comunicativas. Mas para isso é preciso desenvolver habilidades de linguagem nas duas modalidades da língua: a oral e a escrita, visto que nem toda pessoa que domina a língua padrão e é um leitor assíduo se expressa bem oralmente nos contextos formais, pois a competência comunicativa se adquire com a prática e é resultante de um ensino sistemático dos gêneros orais, sobretudo dos gêneros institucionais públicos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998, p.33) ressaltam a importância do ensino da oralidade para o uso efetivo da língua: “É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente.”

No entanto, o ensino da oralidade é limitado e quando ele ocorre não é trabalhado detidamente, mas sim em função da escrita, por meio da “escrita oralizada”, isto é, da leitura oral de um texto escrito.

Diante do exposto, este artigo busca mostrar a importância de se ensinar sistematicamente os gêneros orais em sala de aula, sobretudo os gêneros formais, visto que os gêneros informais, por serem espontâneos e de uso cotidiano, dispensam qualquer abordagem didático-pedagógica.

¹ Mestranda do Curso PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Para tanto, serão apresentados alguns conceitos teóricos sobre a importância do ensino da oralidade e, em seguida serão descritas e analisadas em um livro didático de língua portuguesa as atividades que exploram a oralidade, a fim de observarmos que importância nossos manuais didáticos estão atribuindo à modalidade oral.

Espera-se que esta pesquisa nos faça refletir sobre nossas práticas pedagógicas enquanto professores de língua portuguesa, se estamos oferecendo aos alunos conhecimentos que lhes possibilitem o uso efetivo da língua nas diversas situações comunicativas, sejam elas formais ou informais, nas modalidades oral ou escrita.

O INGRESSO DA MODALIDADE ORAL EM SALA DE AULA

Um problema recorrente em nossas escolas é a desvalorização do ensino da modalidade oral e a supremacia da modalidade escrita e, quando se trabalha a oralidade em sala de aula esta se restringe ao uso da fala em situações cotidianas, como em conversas informais, mas é função da escola ensinar a oralidade nas diferentes situações comunicativas, sobretudo nas mais formais.

Crescitelli & Reis (2011, p. 29) afirmam que é preciso dedicar ao ensino da oralidade a mesma importância que é dada ao ensino da escrita e defende a ideia do ingresso do texto oral em sala de aula.

Segundo esses os autores a escola desprestigia o texto oral e supervaloriza o ensino da escrita porque é mediante esta modalidade que ocorre a alfabetização. Os autores ainda declaram que o valor atribuído à língua escrita deve-se a questões de poder e prestígio social de alguns grupos e que esta valorização é desigual, pois a língua é constituída das duas modalidades: a oral e a escrita.

Sendo assim, é papel do professor de língua portuguesa possibilitar ao aluno o domínio da língua oral e escrita, de modo que ele possa se comunicar bem em suas práticas sociais, tornando-se um sujeito participativo na sociedade na qual ele está inserido. São fundamentais estas informações contidas nos PCN (1998):

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 15)

Segundo Marcuschi (2010, p. 17) a oralidade e a escrita possuem características próprias, mas não o bastante para torná-las opostas. As duas modalidades possibilitam a produção de textos coesos e coerentes, com linguagem formal ou informal, a elaboração de raciocínios abstratos e variações estilísticas e dialetais.

Marcuschi (2010, p.21) afirma que “fala e escrita são atividades comunicativas e práticas sociais situadas; [...] em ambos os casos temos um uso real da língua.”

A proposta para uma educação linguística de qualidade é que o ensino da língua deixe de ser centrado na própria língua para centrar-se na linguagem, ou seja, que parta de situações concretas de uso da linguagem. São relevantes estas palavras de Bechara (1997, p. 19): “O primeiro grande ponto que distingue a educação linguística aqui proposta, da tradicional, é que ela agora pretende deixar de ser uma educação centrada na língua para centrar-se na linguagem.”

Diante disso, é de fundamental importância o ensino da modalidade oral, já que esta é empregada em situações reais de uso da língua, mas para isso é preciso que o professor planeje o seu fazer pedagógico, de modo que ele ofereça aos alunos atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua.

Desta forma, urge que os professores de língua materna insiram em suas aulas atividades que explorem a oralidade, ensinando de forma sistemática os gêneros orais, de modo que os alunos desenvolvam sua eficácia comunicativa para empregá-la em suas práticas sociais, como, por exemplo, em uma entrevista de emprego ou em uma exposição oral.

Segundo Fávero (2011, p.14) embora a oralidade e a escrita sejam distintas, elas não se opõem e o seu estudo deve ocorrer lado a lado. O que difere estas duas modalidades da língua são as escolhas do locutor, os gêneros textuais aos quais elas pertencem (entrevista, conto, conversa, poema), o suporte no qual o texto é veiculado (televisão, jornal, revista, rádio, *outdoor*), o contexto em que os interlocutores estão e a interação que ocorre entre eles.

ATIVIDADES QUE EXPLORAM A ORALIDADE

Crescitelli & Reis (2011, p. 31) ressaltam que o ensino da língua escrita é indispensável, porém é preciso atribuir à oralidade o mesmo valor da escrita.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998 *apud* CRESCITELLI & REIS, 2011, p.31) o texto, seja ele oral ou escrito, deve ser a unidade básica para o ensino da língua portuguesa, sendo assim, o ensino da língua deve ser voltado para a produção de textos orais e escritos, para a escuta de textos orais e para a compreensão de textos escritos de vários gêneros.

Ainda conforme os PCN (*apud* CRESCITELLI & REIS, 2011, p.31-32), em se tratando de textos orais, a linguagem tem de ser compreendida em seu aspecto dialógico e é função da escola propiciar “a aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta de textos orais em contextos públicos dos mais variados.”

Compete à escola, portanto, solidificar o desenvolvimento da competência linguística dos alunos, possibilitando-lhes empregá-la adequadamente nas diversas instâncias sociais que exigem os mais variados gêneros orais e escritos. Dessa forma, a escola deve promover não somente a produção e a análise de textos escritos, mas também de textos orais.

Para o ingresso do texto oral em sala de aula é importante que o professor tenha conhecimento teórico e metodológico que o faça considerar o ensino da língua portuguesa com base linguística e os conceitos de variação e mudança.

Crescitelli & Reis (2011, p.33) sugerem a análise da oralidade por meio da gravação. Segundo eles, esta atividade deve ser realizada em sala, iniciando com a escolha do gênero oral (entrevista, debate entre dois ou mais interlocutores), depois a gravação e a transcrição. Após ouvir a gravação esta será analisada, observando a organização do texto oral para que o aluno reconheça nele traços de oralidade, tais como repetição, correção, paráfrases, hesitação, interrupção, marcadores conversacionais, truncamentos das frases, dentre outros. Tendo conhecimento destas características o aluno poderá ter bom desempenho na fala e também evitará marcas de oralidade em textos escritos que não convém empregá-las.

Segundo Crescitelli & Reis (2011, p.34) a retextualização consiste em transformar uma transcrição de um texto falado em texto escrito. É uma atividade bastante importante e durante a transformação os recursos expressivos da oralidade devem ser eliminados, como hesitações e repetições, inserir pontuação de acordo com a entonação da fala, reconstruir frases truncadas, organizar as estruturas sintáticas, selecionar o léxico e organizar os tópicos e os argumentos do texto.

Este trabalho pode ser bastante relevante quando o aluno é levado a refletir sobre as diferenças entre o texto falado e o escrito, tendo o conhecimento de que ambos se organizam de maneira distinta e

que nenhum é melhor do que o outro, mas que são empregados em diferentes situações comunicativas, dessa forma o aluno conhecerá as marcas de oralidade, evitando usá-las no texto escrito quando não for conveniente.

Os referidos autores (idem, p.35) atestam que é importante trabalhar com a variação linguística, analisando os falares dos alunos e do professor para que eles conheçam os níveis de fala e por que existem essas diferenças na linguagem, de modo que compreendam que a fala deve adequar-se à situação comunicativa.

Crescitelli & Reis (2011, p. 36) propõem trabalhar o texto oral e escrito de forma contextualizada à realidade do aluno, sendo assim, eles sugerem o estudo do gênero carta e suas diversidades, como carta familiar, carta comercial, porém priorizando a carta de solicitação de emprego. Eles também recomendam o estudo do gênero oral entrevista, preparando o discente para concorrer a uma vaga de emprego.

É preciso, pois, incluir nas atividades em sala de aula o gênero entrevista, pois este conhecimento será bastante útil na vida social do aluno e, ao trabalhá-lo, o professor deve frisar que este gênero exige o uso da norma culta e regras de comportamento.

Dessa forma, entendemos que é papel da escola sim oferecer ao aluno autonomia e competência comunicativa para ele ter êxito em suas práticas sociais.

Os autores supracitados (idem, p.38) defendem o trabalho com a oralidade em sala de aula levando em consideração as teorias de base linguística e as propostas dos PCN e reiteram que a escola tem o dever de ensinar a norma culta da língua, porém por meio de textos orais e escritos e não apenas de textos escritos.

Fávero (2011, p. 26) sugere a elaboração de um telejornal em sala de aula cujos temas sejam de interesse da comunidade escolar. De acordo com ele é bastante proveitoso adaptar um jornal impresso para um jornal de rádio ou televisão. O autor (2011, p. 27) ainda afirma que o aprimoramento da produção escrita do aluno decorre de como se realiza a formulação textual da fala e da escrita e que é importante o aluno reconhecer as características dos procedimentos de gravação, transcrição e retextualização, sabendo utilizar marcas de um no outro conforme o efeito de sentido que queira criar.

A exposição oral é uma excelente opção para se trabalhar a oralidade, escolhe-se um tema e apenas quem irá expô-lo deverá estudá-lo; outra sugestão é a narração de fatos conhecidos apenas por quem irá contá-los; também é interessante a descrição de como funciona um aparelho ou equipamento.



Estas são algumas atividades que exploram o uso da oralidade em sala de aula sugeridas pelos PCN de Língua Portuguesa.

ORALIDADE E LITERATURA

Belintane (2010, p. 10) busca relacionar a oralidade à literatura desde o início da aquisição da linguagem. O autor (2010, p. 11) apresenta uma proposta de alfabetização e letramento tendo como base a literatura, a função poética e a oralidade.

Segundo ele (2013, p.10) há dois tipos de oralidade, a que consiste na fala cotidiana e aquela menos prosaica, cujos gêneros são mais formais.

Marcuschi (2010) também faz referência à realização da oralidade nos níveis formal e informal da língua:

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. (MARCUSCHI, 2010, p. 25)

Segundo Belintane (2010, p. 42) a oralidade infantil é uma importante ferramenta no processo de alfabetização, o autor sugere o uso da literatura oral para aquisição da leitura e da escrita. Assim diz ele:

Cada gênero originário da cultura oral, desde que retomado em sua performance oral (se é um conto, então será ouvido e recontado; se é uma cantiga, então será cantada, de tal modo que o texto seja memorizado ou, em caso de provir da própria memória do aluno, seja reatualizado), traz importantes elementos estéticos e linguageiros que favorecem a alfabetização e leitura significativa. (BELINTANE, 2010, p. 42)

Belintane (2010, p. 83) faz uma crítica às novas concepções de ensino da língua portuguesa sob a perspectiva dos gêneros textuais, sobretudo quando se prioriza os gêneros de uso cotidiano, pois, segundo ele, a busca do texto pertencente ao universo de letramento do aluno e, o estudo da estruturação da diversidade de gêneros textuais têm afastado cada vez mais os alunos das leituras críticas de textos literários em proveito de um pragmatismo neoliberal.

O referido autor (2010, p.121) defende o letramento por meio dos gêneros orais, preferencialmente aqueles cuja função é poética, pois é preferível valorizar o desejo e a fantasia da



criança na busca pela “cidadania do mundo” do que que levá-la a uma cidadania adulta que privilegia a linguagem do cotidiano imediato, muitas vezes exigida pelo mercado.

Segundo ele (2010, p.123), se a linguagem da criança se limita a do uso cotidiano dos adultos, seu desejo de ler textos longos e misteriosos é reduzido, pois ela sempre relacionará linguagem ao mundo prosaico.

O autor não desprestigia a fala nem os gêneros do cotidiano, porém afirma que os textos da literatura oral exercem maior poder sobre a imaginação da criança:

A fala, os gêneros, textos e discursos que banham o cotidiano da criança constituem de fato dimensões importantes da língua e da linguagem, mas não possuem o mesmo relevo e poder que os textos oriundos da tradição oral e os literários exercem sobre o imaginário infantil. (BELINTANE, 2010, p.125)

Belintane (2010, p. 151) afirma que a criança que desde a mais tenra idade é exposta à contação de histórias acaba tomando a atitude de contador.

Segundo o autor, as cantigas de ninar e de roda, as parlendas, as poesias, os trava-línguas, dentre outros gêneros da literatura oral são riquíssimos para o ensino da língua portuguesa, pois fazem parte do universo infantil.

A ORALIDADE NO MANUAL DIDÁTICO: ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Foi selecionado para análise das atividades que trabalham com a modalidade oral da língua o livro didático *Português: linguagens, 8º ano: língua portuguesa*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

Iniciemos com a descrição da estrutura e da metodologia do livro. A obra é dividida em quatro unidades, cada uma composta por quatro capítulos, sendo o último com o título **Intervalo** que propõe um projeto envolvendo toda a classe. Neste capítulo os autores propõem a confecção de um livro; a realização de exposições e seminários e a representação teatral de textos criados pelos alunos.

Segundo os autores, os temas do livro são diversificados e seguem as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) quanto aos temas transversais.

Na introdução do manual do professor, os autores apresentam suas propostas de ensino da língua, afirmando que este volta-se para o trabalho de leitura, produção de textos e reflexão sobre a

língua numa perspectiva textual, tomando a língua como um instrumento de comunicação, de ação e de interação social.

Os capítulos do livro são organizados em seções cujos títulos são: *Estudo do texto, Produção de texto, Para escrever com adequação – coerência – coesão - expressividade, A língua em foco e De olho na escrita* e, cada seção apresenta suas subdivisões.

Vejamos abaixo um quadro com a descrição das atividades que exploram a modalidade oral ao longo do livro didático analisado, mas vale ressaltar que a maioria dos gêneros textuais trabalhados nas unidades pertencem à modalidade escrita.

Tabela 1: Unidade, gênero textual e atividades com a modalidade oral da língua

UNIDADE	GÊNERO TEXTUAL	ATIVIDADE
Unidade 1: O humor nosso de cada dia	O texto teatral escrito; A crítica.	Nesta unidade foi trabalhado o texto teatral escrito, com as especificidades deste gênero textual, em seguida foi proposta a produção de uma peça teatral e, por fim, a leitura dramática desta. O último capítulo, que faz parte de um projeto, sugere pesquisas sobre temas relacionados ao teatro e propõe a encenação de textos teatrais. As demais atividades com a modalidade oral fazem parte dos tópicos “Leitura expressiva do texto” e “Trocando ideias que serão explicitados mais abaixo.
Unidade 2: Adolescer	A crônica; A crônica argumentativa.	Foi trabalhada a crônica com o estudo detalhado deste gênero textual e produção escrita desta, bem como a confecção de um livro de crônicas. No último capítulo é sugerida a mostra do livro à escola com atividades de leitura expressiva das crônicas e pequenas cenas teatrais sobre situações adolescentes. As atividades que exploram a modalidade oral se limitam à leitura expressiva dos textos desta unidade e à troca de ideias dos temas abordados nestes textos.
Unidade 3: Consumo	O anúncio publicitário; A carta do leitor; A carta-denúncia.	Esta unidade trabalha com os seguintes gêneros: anúncio publicitário, carta do leitor e carta-denúncia, todos pertencentes à modalidade escrita da língua. A oralidade aparece nos tópicos “Leitura expressiva do texto” e “Trocando ideias”, assim como no último capítulo da unidade em que é proposta uma exposição intitulada “Feira de consumo”, com diversas atividades, dentre elas a mostra

		de cartazes com gráficos estatísticos sobre os hábitos de consumo dos adolescentes; análise de anúncios publicitários e o resultado de uma entrevista na qual o entrevistado deve revelar se ele adere aos “produtos da moda.” E como forma de animação o livro sugere a apresentação de anúncios falados com fundo musical ou sonoplastia ou em forma de encenação teatral, mas não há orientações de como trabalhar estas atividades orais.
Unidade 4: Ser diferente	O texto de divulgação científica; O seminário.	Nesta última unidade temos um gênero escrito: o texto de divulgação científica e um gênero oral: o seminário. Este foi trabalhado sistematicamente com conceitos, função e características do gênero, também foram oferecidas orientações detalhadas de como preparar e apresentar um seminário, dando ao aluno condições de realizar uma boa exposição oral.

Podemos observar que a referida obra não possui uma seção específica para o ensino da oralidade e, embora sejam propostas algumas atividades que exploram esta modalidade da língua, somente dois gêneros são essencialmente orais: o teatro e o seminário.

As demais atividades que exploram o oral se restringem a leituras expressivas do texto, à troca de ideias e à oralização, que consiste em transpor um texto escrito para a fala, porém sem a espontaneidade desta. Há também algumas atividades de exposição, mas todas em função da escrita, não concebendo, pois, a oralidade como um objeto de estudo.

No entanto, segundo Schneuwly & Dolz (2004, p. 126) é preciso ensinar o oral de maneira sistemática e torná-lo objeto de ensino, assim como o são a produção escrita, a gramática e a literatura. De acordo com os autores, o aluno poderia ao longo do ensino fundamental obter novos conhecimentos sobre a oralidade e empregá-la em contextos que ainda não lhe são familiares.

Diante do exposto, percebemos que o ensino da oralidade neste manual didático é restrito, sobretudo o ensino dos gêneros orais, porém sabemos o quanto eles são importantes, pois possibilitam desenvolver nos alunos diversas habilidades de linguagem, conforme afirmam Schneuwly & Dolz (2004):

Parece, portanto, mais propício entrar não no oral em geral, mas em gêneros orais, e observar suas especificidades. Trabalhar os orais pode dar acesso ao aluno a uma gama de atividades de



linguagem e, assim, desenvolver capacidades de linguagem diversas. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 117)

Agora faremos a transcrição de duas atividades cujos tópicos se intitulam *Leitura expressiva do texto* e *Trocando ideias*, as quais trabalham com a linguagem oral, mas não com um gênero essencialmente oral.

Mas antes de transcrevê-las, antecipemos o que foi trabalhado neste capítulo para compreendermos a atividade:

Foi proposta a leitura da crônica “Sopa de macarrão”, de Domingos Pellegrini e em seguida o *Estudo do texto* com atividades cujas seções se intitulam *Compreensão e interpretação* e *A linguagem do texto*. Posteriormente aparecem as seções *Leitura expressiva do texto* e *Trocando ideias* cujas atividades estão transcritas abaixo:

LEITURA EXPRESSIVA DO TEXTO

Junte-se a três colegas e façam a leitura expressiva do texto. Um deve ler as falas do narrador, outro as do pai, outro as da mãe e outro as do filho. Deem uma entonação adequada à voz das personagens, a fim de caracterizá-las psicologicamente e expressar a maneira autoritária da mãe, a conciliatória do pai, a triste ou irônica do filho.

TROCANDO IDEIAS

1. No texto “Sopa de macarrão”, o filho diz que não quer comer “comida de velho”. Você também acha que existe comida de velho e comida de jovem?
2. Para convencer o filho, a mãe cita a experiência de um jornalista americano que passou um mês comendo lanches e engordou seis quilos (leia o box “A dieta do palhaço”).
 - a) Você considera esse tipo de informação eficaz para mudar o comportamento alimentar dos jovens?
 - b) O menino contra-argumenta, alegando que esse tipo de alimento, o *fast-food*, é gostoso. O que fazer para conciliar o alimento saudável com o gostoso?

3. Algumas iniciativas oficiais têm procurado impedir que lanchonetes escolares ofereçam aos alunos alimentos excessivamente gordurosos e buscado incentivar a substituição deles por alimentos mais saudáveis, como, por exemplo, frutas. O que você acha disso?

Na primeira atividade “Leitura expressiva do texto”, temos a chamada escrita oralizada, definida assim por Schneuwly & Dolz (2004):

[...] temos as produções orais restringidas por uma origem escrita que identificamos ou descrevemos como a ‘escrita oralizada’. Esta é considerada uma vocalização, por um leitor, de um texto escrito. Trata-se, portanto, de toda palavra lida ou recitada. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 132)

A escrita oralizada é uma atividade oral importante, pois desenvolve maior fluência e expressividade na leitura. No entanto, as atividades com a modalidade oral não podem se restringir à leitura oral, porque o aluno precisa desenvolver a oralidade espontânea, de modo que ele possa se expressar bem nos diversos contextos comunicativos, sejam estes informais ou formais.

Em relação à segunda atividade “Trocando ideias”, podemos perceber que nela o aluno tem liberdade para expor suas ideias por meio da fala espontânea. Outro aspecto importante é o tema que é de interesse dos alunos, pois se relaciona à realidade deles: a substituição de alimentos gordurosos por outros mais saudáveis nas cantinas escolares. Aqui o aluno deverá refletir sobre o alimento que lhe agrada e o mais saudável e, assim, formar um ponto de vista, sendo favorável ou não à substituição.

Mas embora esta atividade explore a modalidade oral espontânea, é indispensável que o professor também trabalhe com os gêneros orais, sobretudo os gêneros da comunicação pública formal, a fim de preparar os alunos para práticas de linguagem efetivas nas diversas instâncias sociais.

Quanto a isto Schneuwly & Dolz (2004, p. 146) afirmam: “Já que o papel da escola é sobretudo o de instruir, mais do que o de educar, em vez de abordarmos os gêneros da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros da comunicação pública formal.”

Dentre os gêneros formais públicos Schneuwly & Dolz (2004, p.146) citam a exposição, o relatório de experiência, a entrevista, a discussão em grupo, o debate, a negociação, o testemunho diante de uma instância oficial e o teatro.

Os autores (2004, p. 147) atestam ainda que: “O papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para os confrontar com outras formas mais institucionais [...]”

Dessa forma, é preciso que as escolas e os manuais didáticos incluam em seu currículo o ensino dos gêneros orais públicos.

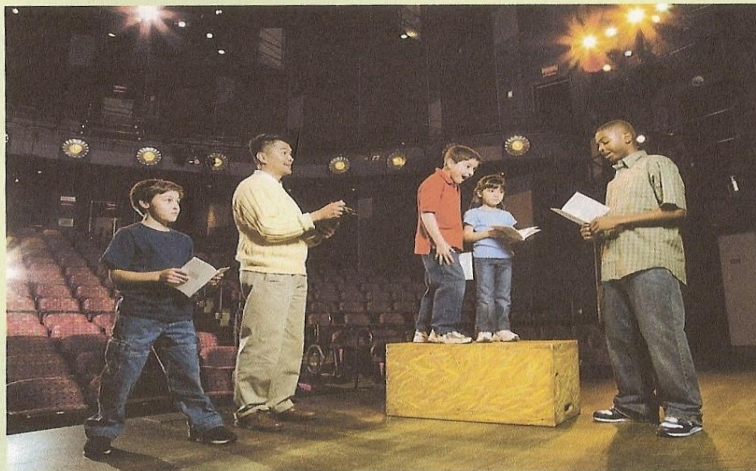
No segundo capítulo do livro *Português Linguagens, 8º ano*, nas páginas 36-37, é proposta a leitura dramática de um texto teatral produzido pelos alunos. Eis a atividade:

Leitura dramática

1. Formem um grupo com um número de integrantes igual ao número de personagens do texto. Cada componente do grupo deve ler o texto individualmente pelo menos uma vez.
2. Façam, em grupo, uma segunda leitura do texto, em voz alta, cada aluno lendo as falas de uma personagem. Leiam procurando ter uma compreensão mais ampla do texto e um domínio maior da história.
3. A partir da terceira leitura, comecem a buscar a representação, isto é, comecem a transformar a leitura em ação. Lembrem-se: o ator é um fingidor, alguém que cria ilusões.
 - a) Para uma boa interpretação, analisem e debatam o comportamento psicológico de cada personagem: quais são seus desejos; que fatos ou que personagens se contrapõem a eles; como ela reage, etc.

- b) Em seguida, cada um deve buscar a melhor forma de interpretar sua personagem.
- c) Considerem a pontuação do texto e as rubricas de interpretação.
- d) Não deixem cair a entonação no final das frases. Observem como falam os locutores de rádio e televisão e procurem imitá-los.
- e) Se julgarem necessário, marquem o texto com pausas para respiração e destaquem os verbos das frases para dar um apoio maior à inflexão de voz.

- f) Para ajudar no volume da voz, imaginem — como fazem no meio teatral — que na última fileira do teatro há uma velhinha meio surda e que vocês devem representar para ela.
4. Depois que cada um dos integrantes do grupo tiver encontrado a expressão própria de sua personagem, façam a leitura dramática do texto para uma plateia convidada.



Jupiter Unlimited/Image Plus

Observemos que o livro se limita à leitura dramática do texto, que não deixa de ser uma atividade relevante, todavia seria mais produtivo se os autores também propusessem a encenação da peça e sem o uso do roteiro para consulta.



Um aspecto importante a ser observado na proposta desta atividade são as orientações quanto à entonação, acentuação e ritmo da fala, características essenciais para uma leitura expressiva. Sobre isto vejamos o que Schneuwly & Dolz (2004) observam:

Não se pode pensar o oral como funcionamento da fala sem a prosódia, isto é, a entonação, a acentuação e o ritmo. Já que os fatos da prosódia são fatos sonoros, podemos analisá-los em termos quantificáveis de altura, intensidade e duração. Dimensões essenciais de toda produção oral, seu domínio consciente ganha particular importância quando a voz está colocada a serviço de textos escritos. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 130)

Convém descrever as duas atividades propostas por este livro didático cujos gêneros são essencialmente orais.

A primeira atividade faz parte de um projeto sugerido pelo livro e que é intitulado *Projeto fazendo cena*. Neste são fornecidas informações sobre a origem do teatro e todo o seu percurso até os tempos modernos. Posteriormente é solicitado que os alunos façam pesquisas sobre o teatro, sendo sugeridos alguns subtemas, como, por exemplo, *O teatro grego: a comédia e a tragédia*. Em seguida são dadas orientações para a mostra do teatro que é dividida em duas partes. Na primeira parte da mostra sugere-se que um dos integrantes do grupo leia os textos sobre o tema pesquisado e depois faz-se uma rápida encenação de um trecho ou apresenta-se o resultado da pesquisa de forma teatral com os apresentadores vestidos a caráter. Na segunda parte, cada grupo deverá fazer a leitura dramática ou a encenação dos textos teatrais produzidos nos capítulos da unidade.

Segue abaixo as orientações para a encenação da peça teatral:



Encenação

1. Façam a leitura dramática do texto teatral. (Vejam, nas páginas 36 e 37, como realizá-la.)
2. Cada um decora as falas de sua personagem, imaginando as situações vividas por ela, o cenário e as outras personagens com quem ela se relaciona.
3. Além das rubricas de interpretação, observem também as de movimento.
4. Criem o cenário, a sonoplastia (o som que acompanha todo o texto), os figurinos. Para isso, contem com a criatividade de todos.
5. Ensaíem quantas vezes forem necessárias.
6. Para ajudar, caso alguém se esqueça de uma parte do texto durante os ensaios ou na apresentação, recorram ao ponto. **Ponto** é uma pessoa que, no teatro, vai lendo o que os atores devem dizer, para lhes ajudar a memória.
7. Tudo pronto, montem o espetáculo e preparem a apresentação.
8. Durante os ensaios e as apresentações, coloquem-se naturalmente no lugar das personagens e vivam-nas, ou seja, comecem a fazer teatro.
9. Caso gostem muito dessa atividade, formem um grupo de teatro com seus colegas e, seguindo as mesmas orientações, encenem outros textos e, quem sabe, uma peça de teatro completa.

Na dramatização é preciso bastante preparo para uma apresentação exitosa, sendo necessário memorizar as falas das personagens, saber dar expressividade à voz e ao corpo que também fala por meio de gestos e expressões faciais. São fundamentais estas palavras de Schneuwly & Dolz (2004):

A produção de um texto oral segue uma lógica totalmente diferente. A palavra pronunciada é dita de uma vez por todas. O processo de produção e o produto constituem um todo. O controle do próprio comportamento deve ser realizado durante a produção, o que somente é possível numa certa medida. É, portanto, importante criar automatismos; preparar a fala, sobretudo se esta é pública, por meio da escrita e da memorização; considerar seu texto oral como o produto de uma preparação aprofundada que, em situação, não supõe, de fato, mais do que variações devidas aos imprevistos da comunicação em ato.” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 95)

Segundo Schneuwly & Dolz (2004, p. 134) a comunicação oral não se limita ao uso de meios linguísticos e prosódicos, ela utiliza também signos não-linguísticos, tais como mímicas faciais, postura, olhares, gestualidade do corpo, elementos fundamentais para uma boa encenação.

Analisando a atividade acima percebemos que ela fornece orientações necessárias de como fazer uma encenação. Outro aspecto relevante é que no item 1 sugere-se que o aluno retome as p. 36 e 37 que orientam a fazer uma leitura dramática do texto teatral.

Atemo-nos agora à descrição da segunda atividade pertencente ao gênero oral seminário.

No tópico “Produção de texto”, da página 236 é dada a definição e a função do gênero seminário, em seguida são fornecidas instruções de como planejar e preparar este gênero oral. Vejamos as orientações:

Pesquise em diversas fontes o tema que será exposto; tome notas, faça resumo e um roteiro para a apresentação; selecione e organize as informações e os recursos materiais que serão utilizados; produza roteiro e esquema com palavras-chave e breves anotações que orientarão o pensamento durante a apresentação; evite a leitura do que está escrito no roteiro; ensaie a apresentação, procurando falar com segurança e fluência e se possível grave o ensaio para avaliá-lo.

Após as orientações para a elaboração do seminário os autores do livro didático se atêm à possibilidade de haver imprevistos durante a exposição, por isso alertam da necessidade de o aluno estar atento a vários aspectos e se necessário improvisar soluções.

Em seguida, a atividade traz alguns aspectos relevantes que devem ser observados na apresentação de um seminário, tais como: abertura; tomada da palavra e cumprimentos; apresentação do tema; exposição de maneira clara, seguindo o roteiro traçado; conclusão que deve retomar os principais pontos abordados, fazendo uma síntese deles; agradecimento ao público; atenção ao tempo, pois se for necessário deve-se eliminar exemplos menos significativos e o uso de recursos audiovisuais para enriquecer o seminário.

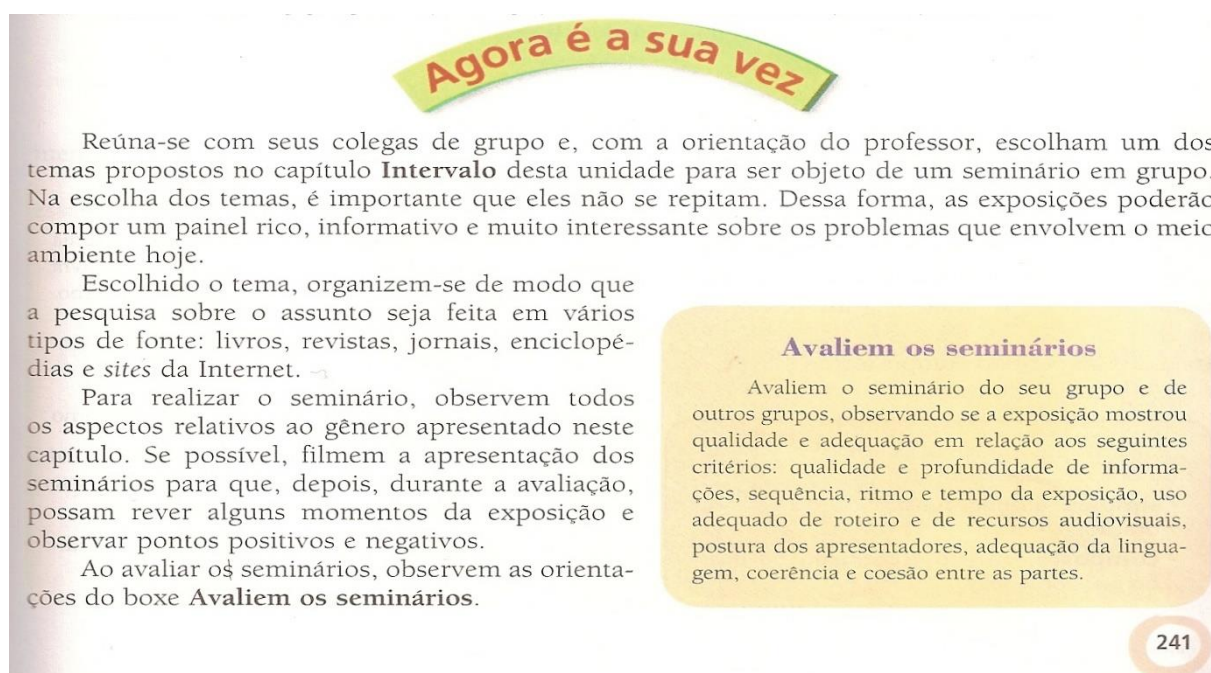
Na atividade também há orientações quanto à postura do apresentador, dentre elas temos: a posição deste; a sua fala que deve ser alta, clara e bem articulada, com palavras bem pronunciadas e variações de entonação, de ritmo e de altura da voz, a fim de que a exposição não fique monótona; o uso de textos de apoio que deve ser consultado de maneira sutil, sem interromper o fluxo da fala; o apresentador deve se mostrar simpático e receptivo a participações da plateia, mas estar atento para evitar polêmicas com uma única pessoa do público.

Posteriormente as orientações atêm-se ao uso da linguagem, informando que nos seminários predomina a norma-padrão da língua, podendo haver maior ou menor grau de formalismo, dependendo da intimidade entre os interlocutores. No mesmo tópico os autores afirmam que é preciso evitar certos hábitos da linguagem oral, como a repetição constante de expressões, tais como: *tipo, tipo assim, né?, tá?, ahnn...*, pois elas prejudicam a fluência da exposição; também sugere-se o emprego de algumas expressões para o apresentador explicar o significado de uma palavra ou conceitos específicos da área pesquisada e dentre elas temos: *isto é, quer dizer, como, por exemplo, em outras palavras, vocês sabem o que é isso?*. Também são sugeridas expressões que conferem continuidade ao texto, como: *além disso, por outro lado, outro aspecto, apesar disso*.

A última orientação fornecida pela proposta de produção se refere à apresentação de um seminário em grupo. Ei-la:

- Embora cada integrante do grupo fique responsável pela apresentação de uma parte do seminário, o grupo todo deve se especializar no assunto;
- Entre a exposição de um participante e a de outro não pode haver contradições;
- Cada exposição deve retomar o que já foi desenvolvido e acrescentar, ampliar;
- Para haver coesão entre as partes, devem ser empregados elementos linguísticos como “Além das causas que fulano comentou, vejamos agora outras causas, menos conhecidas...”; “Vocês viram as consequências desse problema no meio urbano; agora, vão conhecer as consequências do mesmo problema no meio rural...”.
- Enquanto um dos apresentadores expõe, os outros podem ficar sentados ou em pé, mas devem permanecer em silêncio. Podem também contribuir manuseando os equipamentos (transparências ou vídeo), trocando cartazes, apagando a lousa ou simplesmente ouvindo com atenção a exposição.

Após todas estas orientações de como planejar e preparar um seminário é dada a proposta de produção que segue abaixo:



Agora é a sua vez

Reúna-se com seus colegas de grupo e, com a orientação do professor, escolham um dos temas propostos no capítulo **Intervalo** desta unidade para ser objeto de um seminário em grupo. Na escolha dos temas, é importante que eles não se repitam. Dessa forma, as exposições poderão compor um painel rico, informativo e muito interessante sobre os problemas que envolvem o meio ambiente hoje.

Escolhido o tema, organizem-se de modo que a pesquisa sobre o assunto seja feita em vários tipos de fonte: livros, revistas, jornais, enciclopédias e sites da Internet.

Para realizar o seminário, observem todos os aspectos relativos ao gênero apresentado neste capítulo. Se possível, filmem a apresentação dos seminários para que, depois, durante a avaliação, possam rever alguns momentos da exposição e observar pontos positivos e negativos.

Ao avaliar os seminários, observem as orientações do box **Avaliem os seminários**.

Avaliem os seminários

Avaliem o seminário do seu grupo e de outros grupos, observando se a exposição mostrou qualidade e adequação em relação aos seguintes critérios: qualidade e profundidade de informações, sequência, ritmo e tempo da exposição, uso adequado de roteiro e de recursos audiovisuais, postura dos apresentadores, adequação da linguagem, coerência e coesão entre as partes.

241

Analisando toda a proposta de produção textual acima podemos observar que ela trabalha o gênero de maneira sistemática, fornecendo ao aluno uma série de informações relevantes para a produção de um seminário. A proposta dá orientações detalhadas de como planejar, preparar e dar andamento a uma exposição oral, que postura o apresentador deve ter durante a apresentação e que nível de linguagem deve ser empregado nessa situação comunicativa. Além disso há orientações de como proceder na apresentação de um seminário em grupo.

Diante do exposto, consideramos esta proposta de produção muito bem elaborada, pois ela dá subsídios para o aluno desenvolver um bom trabalho de exposição oral.

Schneuwly & Dolz (2004, p. 121) atestam que as formas institucionais do oral necessitam de uma preparação, pois o que é dito não se elabora aqui e agora. Assim ocorre com o seminário, um gênero que exige planejamento e preparo prévios para a obtenção de resultados satisfatórios.

Os autores ainda reiteram:

[...] as formas institucionais do oral implicam modos de gestão mediados, que são essencialmente individuais. Exigem antecipação e necessitam, portanto, preparação. Por exemplo, uma exposição oral não se improvisa, mesmo que ao longo do processo de produção aquilo que foi previamente preparado requeira uma adaptação à situação. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 147)

Para Schneuwly & Dolz (2004, p.184) a exposição oral constitui um excelente instrumento de transmissão de conhecimentos, não apenas para a plateia, mas principalmente para aquele que a prepara e apresenta. Os autores ainda afirmam que:

Do ponto de vista comunicativo, a exposição permite construir e exercer o papel de “especialista”, condição indispensável para que a própria ideia de transmitir um conhecimento a um auditório tenha sentido. Esse gênero caracteriza-se também por seu caráter bastante monologal (Roulet *et al.* 1985) e, por isso, necessita, por parte do expositor, um trabalho importante e complexo de planejamento, de antecipação e de consideração do auditório. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004)

Vale ressaltar que o ensino do gênero seminário é imprescindível, pois ele possibilita a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades de linguagem, tais como, ter desenvoltura na fala; expressar-se bem em público; saber argumentar, expor ideias e conhecimentos; estudar um assunto, tornando-se especialista nele para expô-lo a outras pessoas; ter trato para lidar com o público, dentre outras habilidades essenciais para o domínio discursivo.

Considerações finais

Expressar-se bem oralmente, saber narrar, argumentar, defender pontos de vista e adequar a fala a diferentes contextos são habilidades imprescindíveis de uso da linguagem nas diversas práticas sociais.

Mas para adquirir tais competências não basta ter domínio gramatical e ser um leitor proficiente, é preciso ter competência comunicativa e esta se adquire por meio do estudo sistemático dos gêneros orais.

No entanto, nossas escolas desvalorizam o ensino da oralidade, enquanto que a escrita ocupa um lugar de grande prestígio, mas sabemos que a língua se manifesta nas duas modalidades e que ambas merecem o mesmo valor e, embora a modalidade oral esteja presente na sala de aula, o seu uso está subordinado à escrita, já que a atividade oral mais frequente na escola é a leitura em voz alta, ou seja, a escrita oralizada.

Com base nas análises do livro didático em questão, percebemos que ele dá pouca prioridade ao ensino do oral, pois trabalha de maneira sistemática e com objetivos bem definidos apenas dois gêneros orais: o teatro e o seminário, enquanto que as demais atividades se limitam a troca de ideias, a leituras expressivas do texto e a leitura dramatizada.

Desse modo, é de extrema importância o ensino da oralidade, sobretudo o ensino dos gêneros orais públicos, pois é papel da escola desenvolver nos alunos habilidades linguísticas para que eles façam uso da língua de maneira eficaz em quaisquer situações comunicativas, sejam estas formais ou informais.

Também é preciso que os manuais didáticos de língua portuguesa introduzam em suas propostas de ensino um trabalho sistemático de produção de texto a partir dos gêneros orais, principalmente aqueles utilizados nas instâncias públicas, preparando assim o discente para o uso efetivo da língua.

Outro trabalho bastante significativo é o ensino e a prática da oralidade por meio da literatura oral, iniciando com as cantigas de roda, parlendas, trava-línguas na primeira infância e partindo para as narrativas orais e populares, como lendas, mitos, causos, cordel, dentre outras, pois esse universo poético e de fantasia desperta ainda mais o imaginário infantil e facilita o processo de letramento.

Diante do exposto, urge que nossas escolas e os manuais didáticos insiram em suas propostas de ensino um trabalho sistemático com a oralidade, de modo que esta seja objeto de ensino da língua e



não um mero pretexto para o trabalho com a escrita, propiciando, portanto, aos alunos o desenvolvimento de sua competência comunicativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 1997.

BELINTANE, Claudemir. **Oralidade e alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento.** São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 3º e 4º ciclos: Língua Portuguesa.** Ed. Brasília, 1998.

CEREJA, William Roberto, MAGALHÃES Thereza Cochar. **Português: linguagens, 8º ano: língua portuguesa.** 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura.** São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 2004.